

ONDAKA



EDITORIAL

Paz para Angola, paz para os angolanos, paz para todos. É a música mais agradável que se dança em todas as comunidades do País. Os desafios já são um facto, comerciantes, viajantes deixaram de ter medo de atravessar as estradas em todos sentidos. Ondaka é agora uma viragem muito grande, sentimos alívio e alegria daquelas comunidades que ontem não podiam sair nem receber um amigo de outra localidade, mas hoje já se vai para todo lado. O reencontro de famílias deixou de ser sonho, os centros de deslocados deixam de ser habitados.

As pessoas já sonham com um futuro melhor, os campos começam a ser desbravados, na verdade apesar deste facto, ainda temos muito que se faça. É o caso das vias de acesso para se atingir todas as comunas, aldeias, fim. Há que se começar a reflectir nas prioridades, daquilo que se vai fazer, mas de entre estas realça-se a reconstrução de infra-estruturas, estradas, pontes, hospitais, escolas e tantas outras partidas, e o próprio homem, que durante três décadas aprendeu a destruir, a matar e roubar.

Todos nós temos de começar a olhar ao homem, pois é mais fácil adquirir dinheiro para construir um edifício, que formar uma sociedade saudável e trabalhadora. Fomos durante muito tempo habituados a receber ajuda do B e do C mas hoje precisamos arregaçar as mangas para juntos vermos uma Angola trabalhadora e justa. Para isso você grande ou pequeno religioso ou político olhe para o passado de forma positiva e para o futuro com mais optimismo. Para tal cabe aos políticos inverter aquilo que foi ontem começando sempre pelo topo e depois pela base. Para aquelas comunidades onde com certeza nunca tínhamos pensado atingir, temos o espaço para conviver com elas. O colectivo do Ondaka convida todos angolanos a ter um espírito de irmandade, que não seja só por palavras, mas por acções concretas, dando oportunidade a todos, através de assistência médica, escola, formação profissional, emprego, transportes e de tudo que permita a cada cidadão melhorar as condições de vida. Comece escrevendo os seus sonhos, partilhando assim com a sua comunidade.

Development Workshop

Rua 105 casa 30 - Bairro Capango - Huambo
Tel : (041) 20 338 - Fax : (041) 20 081
Email : dwhuambo@angonet.org

Entrevista com o Sr. Faustino Mandavela

“Jovens unidos constróem a paz”. Foi o tema que despertou atenção a todos os participantes.

O Ondaka curiosamente também esteve envolvido, onde aproveitou manter o diálogo com o senhor Faustino



Mandavela, que na sua explanação debruçou-se sobre os objectivos da sua organização (GBECA) bem como as expectativas da conferência.

Neste âmbito, encorajou a juventude a ser agente de mudança e participar activamente na tomada de decisões de modo a quebrar a cultura de medo e dependência.

Neste Número

Fridolim Kamolakamwe (Poeta)	2
Saúde em nossa casa	3
Entrevistas com os Srs. Faustino Mandavela e o Deuter Pedro - Director do Hospital Sanatório	4-5
Notícias	6-7-8
Angola 2000	9
Saúde Materna e Mortalidade	10
A Formiga e o Quisssendo	11
Última página	12

ONDAKA é financiado pelo Fundo para os Direitos Humanos da Embaixada Britânica e a Agência Suíça para Desenvolvimento e Cooperação (SDC).

Fridolim Kamolakamwe (poeta)

Sou Fridolim Kamolakamwe, nasci no Município da Nganda na Província de Benguela, no longínquo ano de 1978. Fiz os meus estudos no Seminário católico mesmo cá no Huambo, depois regresssei á Luanda.



Mas como estive no Huambo durante os 55 dias de guerra e os dois anos , as fases que passei marcaram-me profundamente o que viria naturalmente a mover com a minha sensibilidade e talvez a razão desta carga toda de crítica social de revolta na minha poesia. Relativamente a escrita fui basicamente influenciado; talvez já tivesse um dom por dentro.

Não tem sido fácil encontrar patrocínios para poder publicar obras e fazê-las, mas ainda tenho um material lançado (Bíblia Sangrada) e vou lançar outro livro (Satânicas metáforas). Quanto ao que se deve fazer para o resgate de valores culturais, penso que na verdade é importante , porque a cultura e a arte são expressões irreputáveis pelas quais se pode identificar a grandeza de um povo. Promover a arte e a cultura é antes de glória e fama, um acto nobre e de grande sentido patriótico e se não mesmo humanístico.

O Satânicas metáforas é um poemário composto por 52 poemas com 75 páginas. Está sendo patrocinado por individualidades singulares, por uma questão de ética não vou citar os nomes, mas é basicamente por mim próprio e a minha noiva. Será lançado no Instituto de Luís de Camões na Embaixada de Portugal em Angola. O conteúdo dos poemas é sempre a mesma vertente de crítica social, porque ali a dor, o pranto, a tristeza, o sofrimento do povo marca uma presença bastante presente.

O Huambo, não só pela sua estrutura arquitetónica, mas também pelo seu clima agradável é profícuo para o desenvolvimento intelectual, tem receptibilidade é acolhedor. Penso que qualquer pessoa, que se prevê , gostaria naturalmente estar

cá, quanto mais alguém que viveu aqui e estudou aqui.

Relativamente as publicações de obras literárias foi um exercício, que comecei meio guiado por uma força que não conseguia saber qual era exactamente. Talvez fosse a força do âmagô, que depois de ser revertida para o público fui ganhando aderência e essa foi incentivando e continuei. Na verdade houve uma grande dose de inspiração, empenho para que o trabalho começasse a ter êxitos. Foi bastante difícil passar do anonimato para maré alta do grande público, passando pelos órgãos de informação. Mas tudo necessariamente tem a ver com o esforço pessoal, empenho, dedicação e uma certa temosia .

Referindo-se às poesias tenho cerca de três centenas e qualquer coisa de poemas escritos em diferentes datas, mas quanto a romances tenho três como: Musaka, A Última Ceia, Segredo de Conficção e as Espinhas do Beijo de Calorina. Escrevo romances, crónicas e poesias. Todavia, no mercado só tenho ainda um que é a Bíblia Sangrada que já está esgotado. Agora vai entrar Satânicas Metáforas, mas a par disso sou muito conhecido como declamador, por semana recebo cerca de 20 à 30 convites para declamar ao vivo, tem havido grande receptibilidade por parte pública e tem sido satisfatória.

Penso compor uma obra em língua nacional principalmente no meu vernacular que é umbundu, mas o problema são os patrocínios. As pessoas que não dominam a língua umbundu, normalmente não conseguem lê-la. É uma questão de mercado quem vai investir num livro de poesias em língua nacional que não é acessível a toda gente?

Para a juventude do Huambo a mensagem que tenho à luz dos novos acontecimentos que se vislumbram na arena política nacional é incentivá-la a reconhecer que na verdade tem um poder de intervenção, é agente de mudança, pois é a força motriz para o desenvolvimento de qualquer sociedade que se queira prósperar e de animais racionais, que desenvolvam mais as pessoas candentes do país, só que é um pouco difícil aqui no Huambo, onde o clima é ainda assim assim, mas penso que aos poucos vai se conseguir ultrapassar. Sabem que hoje infelizmente, não é assim que eu gostaria que as coisas fossem para Luanda, tornou-se nosso centro do País. Olhando para a nossa cidade muitas das pessoas que conhecemos retiraram-se por imperativo de vária ordem, mas que podemos aspiraristicamente dizer que terão muito a ver com a questão social. Todavia, penso que qualquer dia em qualquer momento poderei voltar. Esta é a nossa terra desde que possa participar num projecto de âmbito social no projecto onde posso empregar toda a minha alma, todo meu saber em pró da sociedade e despertar as consciências de todos cidadãos angolanos.

Saúde em nossa casa

Milho seco (grão).

Se for mergulhado em água antes de ser cozido o milho fica mais rico em vitaminas. Faz também com que mais vitaminas e proteínas sejam utilizadas pelo organismo.



Arroz, trigo e outros grãos

São mais nutritivos se a sua pele interna não for tirada durante a moagem. O arroz e trigo integrais, com a pele, contêm mais vitaminas do que o produto beneficiado, branco e bem polido.



Verduras

Cozinhe as verduras, o arroz e outros alimentos em pouca água. E não cozinhe demais. Desta maneira se perde menos vitaminas e proteínas. A água onde foram cozidos deve ser tornada ou usada em sopas.

Nunca guarde o espinafre cozido para requeutar no dia seguinte. Mesmo guardado em geladeira produz uma substância que é venenosa para o nosso corpo.



Frutas

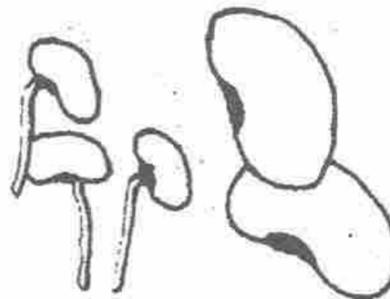
Muitas frutas do campo, amoras e framboesas são ricas em vitamina C e em açúcares naturais. Elas podem ser uma fonte de vitamina. Naturalmente devemos comer somente aquelas que não são venenosas. O caju é a fruta mais rica em vitamina C, como também a uvaia.



Legumes

Feijão, soja, ervilhas e lentilhas, são fontes baratas de proteínas, principalmente o feijão e a soja. Têm mais vitaminas. Podemos também dar feijão ao nenê, cozinhando-o bem, amassando-o e coando para tirar a casca.

O feijão, soja, ervilha e os outros legumes não são apenas uma fonte de proteínas baratas. Sua cultura enriquece o solo, permitindo que os plantios seguintes cresçam melhor.



Verduras de folhas verde-escura e claras

Têm um pouco de proteínas, ferro e bastante vitamina A. As folhas cozidas de batata doce, feijão, ervilha, beterraba, almeirão, abóbora são nutritivas. Podemos secá-las, transformá-las em pó e misturá-las com a papa do nenê para aumentar a quantidade de proteínas e vitaminas.

As verduras de folhas verde-claras como alface o repolho têm poucas proteínas e vitaminas.



As folhas da mandioqueira contém 7 vezes mais quantidade de proteínas e vitaminas do que a raiz. Comendo-as juntamente com a raiz, têm maior valor nutritivo. As folhas novas são as melhores.

CUIDADOS: Nunca coma as folhas sem uma fervura para eliminar o veneno.



Extraído no livro: Médico em sua casa

Entrevista com o Sr. Faustino Mandavela

Ondaka (O)- Qual é a sua função no GBECA?

(FM)-Sou Faustino Paulo Mandavela , secretário geral do Grupo Bíblico dos Estudantes Cristãos em Angola.



O - Qual é o objectivo do GBECA e da conferência juvenil cá no Huambo?

FM - O nosso objectivo como GBECA :a princípio é evangelismo, segundo lugar, discipulado, em terceiro lugar participação com respostas às situações que enfermam Angola. Tudo isto é feito em colaboração com os estudantes universitários e do Ensino Médio.

Estamos aqui para realizar uma conferência no âmbito da paz e reconciliação nacional, para acreditar que a juventude que até a fase recentemente terminada da guerra, tem sido a mais sacrificada. Tanto os que são das forças armadas, como os que não são, estão sem oportunidade de emprego, de habitação, e de formação profissional. Por isso, queremos despertar a juventude para o seu maior engajamento no processo de paz.

O - Qual é a abrangência do GBECA?

FM - Actualmente estamos em nove Províncias. O GBECA tem a sua Sede em Luanda; está em Benguela, Kwanza Sul, Namibe, Huila, Huambo, Kuando-Kubango, Cabinda e também estamos a fazer alguns contactos primários no Uige.

O - Que apoio têm tido para realizar as vossas actividades?

FM - A princípio temos feito contribuições entre membros, quer dizer que não temos um orçamento, mas é uma organização ligada à uma rede de direitos bíblicos em muitos países e essa rede constitui a chamada IFEF (comunidade internacional dos estudantes evangélicos) e essa comunidade dá-nos o mínimo apoio em termos

de sustento para o secretariado geral, mas também já está com dificuldades financeiras, por isso as contribuições dos seus membros fazem a vida da organização.

O - A conferência ora realizada atingiu as expectativas?

FM - Até certo ponto sim. Acreditamos que não tivemos muito tempo para divulgar a actividade, daquilo que se pode considerar como expectativa, creio que a participação dos jovens aqui nos encorajou a pensar, que aos poucos se vai quebrando a cultura do medo.

O - Que perspectivas têm depois da conferência?

FM - A princípio é uma actividade organizada pelo GBECA, Mensageiros de paz e pelo Mojup (Movimento da Juventude para a Paz). É nosso ideal não ficarmos com as resoluções finais nas nossas pastas de arquivo, pensamos entregar as resoluções finais à todos órgãos de governação quer sejam locais ou centrais especialmente ao Estado Maior das Forças Armadas, à divisão das Nações Unidas para os Direitos Humanos e outros organismos para saberem que a juventude está empenhada, quer pensar, está engajada não só na fase de guerra, mas agora na fase de paz.

O - Que mensagem deixa para o povo angolano e em especial a juventude?

FM - Que nos engajemos. Os apelos de sua excelência presidente da República têm feito sobre a necessidade da sociedade civil se envolver no processo de reconciliação nacional, por isso não nos possamos desperdiçar.

Angola nunca teve um processo de paz tão participativo quanto este, então é necessário que a juventude desperte, porque se por qualquer motivo político o processo for viável à reconciliação nacional novos jovens serão os bodes expiatórios para a próxima conquista de paz, que não sabemos para quando. Então é necessário que a juventude ganhe esta consciência de que nós somos parte do problema e precisamos ser necessariamente parte da solução. Que os mais velhos não decidam tudo por nós, porque acima de tudo são os jovens que morrem nas frentes de combate, voltam mutilados não encontram escolas, são chamados ainda de "tio António, bagageiros na rua" para sobreviverem, têm os seus filhos para educar e não conseguem. A minha mensagem é coragem, não vai ser fácil essa conquista de direito à participação nos assuntos políticos da Nação, mas como disse o Dom Viti é proibido recuar, é preciso saber não desistir quando queremos buscar alguma coisa que de facto é essencial para a nossa vida, que é a paz, então queremos encorajar a juventude, que é necessário a organização para que não seja atoa, nem que as pessoas se sintam que sejam incorrectas, precisam organizarem-se para que juntos busquemos a paz

Doutor Pedro - Director do hospital sanatório

O- Como vão as vossas actividades?

P- Este é um hospital vocacionado para doentes com tuberculose. Neste momento as actividades decorrem bem, não obstante a falta de medicamentos em função do elevado número de doentes.

Devido a paz, estamos a receber muitos pacientes que estavam em zonas inacessíveis.

O- O hospital tem condições para suportar estes doentes?

P- Tem apenas capacidade de albergar 200 doentes mas as vezes este número ultrapassa a capacidade do nosso internamento. Assim muitas das vezes somos obrigados à chamada cama chão.

O- O que fazem para ultrapassar tais dificuldades?

P- Temos feito o melhor possível, portanto o Governo descentralizou alguma verba para o hospital, por isso já não dependemos directamente do orçamento do Governo provincial, mas sim do orçamento próprio.

C o m p r a m o s fundamentalmente a alimentação e outros meios gastáveis para a manutenção do hospital e o material de higiene. Temos de facto superado as nossas dificuldades com muita facilidade que anteriormente.

O - Q u a n t o s trabalhadores tem o hospital?

P- Como médico estou sozinho, temos quarenta (40) enfermeiros entre técnicos básicos e médios, portanto enfermeiros de curso geral. Temos outros trabalhadores de apoio administrativo, limpeza e cozinha, no total de 155.

O- Porque têm apenas um médico?

P- Como sabeis há poucos médicos no país e não só, os mesmos preferem ficar na capital, onde têm possibilidades de avanços com outras instituições. No entanto, preferem ficar lá e poucos vêm para as províncias, para o Huambo muito menos. É assim que, há pouco tempo, o hospital não tinha nenhum médico e só há um ano que o Governo provincial designou-me para dirigir esta instituição.

O- Sozinho consegues satisfazer as necessidades dos pacientes?

P- Não estou a trabalhar sozinho, de facto tenho "staff

" que tem bastante experiência, enfermeiros antigos, portanto o que estou a fazer é coordenação e conjugação de ideias. Trabalhamos em conjunto, cada um expõe as suas ideias, opiniões e temos trabalhado bem no contexto administrativo. No aspecto técnico, também estão capacitados, têm bastante experiência e temos resolvido assim as nossas dificuldades. Gostaríamos de ter pelo menos dois ou três médicos.

O - Dizem que doentes com sintomas de SIDA estão aqui internados.

P - Não é verdade que tenha um ou mais, não podemos precisar exactamente, alguns internam aqui não por causa do SIDA, vêm aqui porque têm tuberculose que pode estar associada com outras doenças, como é o caso do SIDA.

O - Já detectaram doentes com SIDA?

P - Detectamos, mas não em número muito elevado.

O - O que o hospital faz para se tomar algumas precauções.

P - Não cabe ao hospital tomar cuidados com o SIDA, mas há programas específicos do Ministério da Saúde de luta contra o SIDA. Há aspectos que são de ordem so-

cial. É a sociedade que deve velar por isso, não deve ser apenas as autoridades sanitárias ou policias a isolar doentes. Em princípio a Organização da Saúde não recomenda, que os doentes com SIDA estejam isolados da família. De uma maneira geral, o doente com SIDA, tirando as precauções de relações sexuais é um indivíduo como qualquer outro, não deve merecer isolamento ou prisão. Separá-lo da sociedade pode ser traumatizado e tornar agressivo. Nas províncias, onde a incidência do SIDA é maior,

como Cabinda, Luanda e Benguela não se regista nenhum caso de isolamento. Pertecemos ao programa nacional de luta contra a tuberculose. Com a chegada de novos deslocados vindos das zonas ora inacessíveis, o número de pacientes aumentou consideravelmente, de maneira que não temos medicamentos para acudir esta gente. Os medicamentos chegam de vez em quando uma vez por trimestre ou semestre, entretanto os doentes ficam sem tratamento neste espaço. Gostaríamos que os medicamentos nos fossem fornecidos regularmente.

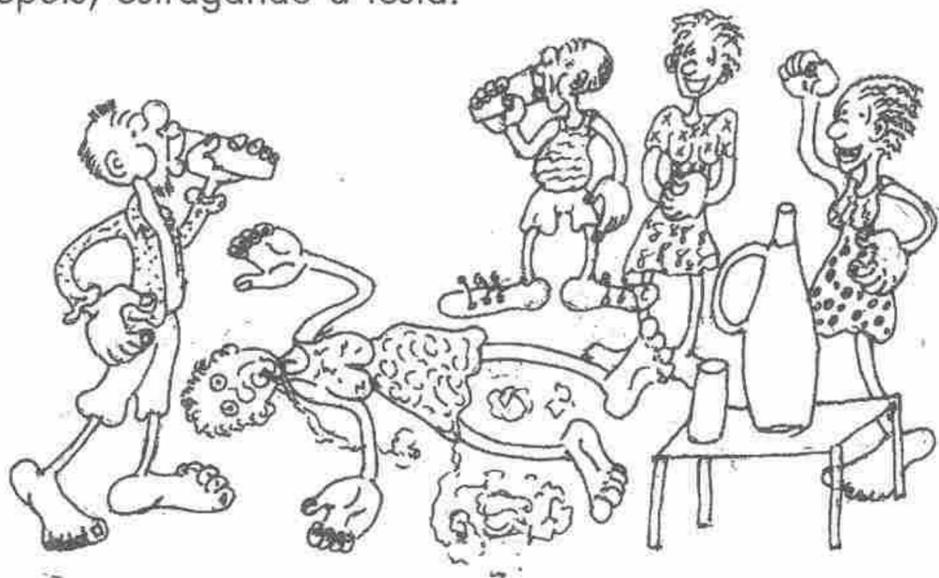
O- Que organizações têm prestado ajuda ao hospital?

P- Temos a salientar o PAM que temos contratos renováveis de seis em seis meses relativamente ao apoio regular à pediatria deste hospital. Temos recebido géneros alimentares.



Soto litros de caxi colocam dona Augusta Eyala em maus lençóis.

Tudo aconteceu quando em companhia de suas amigas decidiram festejar o fim da guerra. O grupo decidiu comemorar o facto com alguns litros de bebida caseira vulgarmente chamada "caxi" mas a senhora Maria Augusta de 37 anos de idade, não aguentou deitou-se minutos depois, estragando a festa.



Alitulu epanduvall vwalende vakapa nãla yukãyi Augusta Eyala volosanjo

Augusta Eyala ukwalima vasoka akwi atatu lepanduvali. Eci atambula esapulo lyo kupwa kuyaki, wasapwilako akamba vaye cosi eci capita leye vokwenda kwalima ava vuyaki.

Noke wavalaleka oco vanywe owalende eye alandele oco alinge omilu. Vocosi vanywa eci ca soka alitulu epanduvali. Augusta Eyala osimbu vakwavo vanda kolonjo vyavo, eye wasima okupekelako momo wamõla okuti etimba lyatapiyala. Ceya okuti wavihisa ocisunji.

Enviado pelo grupo do Kasseque III

Marido espanca sua esposa por ter pensado em regressar à terra natal

Catorze anos lá se foram que Manuel Samutango, não vê a sua terra natal, no Chitembo província do Bié. Movidos pela paz os seus filhos e sua mãe decidiram regressar e numa conversa familiar a esposa disse " querido quando é que iremos na nossa terra natal para cultivarmos as nossas lavras as nossas nacas? "Papá realmente quando formos cultivaremos o milho, a mandioca, a batata doce, o trigo, o feijão frade, a couve e mais", disse o filho.

Enquanto a mãe e os filhos narravam, o pai ficou muito tempo sem responder com uma cara aborrecida. Ah! vocês estão malucos! Será que vocês querem que eu morra? Ou querem uma outra coisa? Na insistência da família o pai começou por bater a mulher. Indignados a mulher e os filhos perguntaram ao pai. Será que temos alguma dívida

que não possamos pagar na nossa própria terra? A confusão parou graças a intervenção dos vizinhos que tiveram de acudir.

Amigos e vizinhos mostraram ao Manuel que nada podia lhe impedir o regresso à sua terra natal. O momento é de reencontro das famílias desavindas basta o amigo começar consigo mesmo. Ninguém lhe fará mal, o passado deve ficar, agora é o momento de irmandade.

Ulume watipula ukwacisola cayo omo asima okutyukila kimbo lyavo.

Manuel Samutango, wacitiwila ko Citembo ko luvumba wo ko Bié. Tunde apa akatunda kimbo lyaye catela ale eci ca soka ekwi lyanyamo kanyamo akwãla.

Ukãyi kumosi lomãla vasanjuka calwa lombembwa yeya.

Eteke limwe ukãyi hati a sekulu tekelpi twenda kimbo lyetu tukatumbulula olosi vyetu. Umwe pokati komãla watambululamovo hati, a tate nda twanda, katukatala vali ohali tukalima epungu, ocipoke, akovi, usambe, otiliku



epungu kwenda vyakwavo. Osimbu yina lomõla vakala okutondongola ise watema, oyevala hati anga ene wakolwi? Ale wasaluki? Vu yongola okuti ndikafa? Ale usima cakwavo? Ukãyi wakumbulula hati okafila nye? Kwenje sekulu Manuel Samutango watema, watipula ukãyi waye. Omãla okucimõla hati anga tate kimbo wanyoleleko cimwe? Omo valisungwile olonjo ovo vatela okulemela ema lyaco.

Enviado pelo grupo do Casseque III

Purrada mais purrada, socorro!

A fome continua a ser a desgraça deste povo, junta-se à isso a falta de emprego nas comunidades. António Usiwe, movido pela fome andou a procura de biscato em lavras dos nativos do Casseque. Infelizmente este, encontrou unicamente uma senhora com fama de ser muito religiosa, sonhando a compaixão, o jovem perguntou se havia biscato ou não. Como é possível vocês que andaram a comer bem do governo e das ONGs, ainda vêm pedir trabalho! Chocado com a resposta o jovem pegou num chicote, bateu barbaramente a dona da lavra.

Neste momento o problema está sendo resolvido a nível dos sobas do Casseque III.

Etilo, letilo, popell

Umalehe António Usiwe, nyitiwe yo ko Município yo ko Chitembo, ko lupale lwo ko Bié, waliyeya calwa momo olombya vyañila kepuluyuko.

Eteke limwe umalehe u ndeti, wapasuka omele yalwa oco alingepo okacipato vovapya olonyitiwe vyo ko Cassequelll, eye wañwalañwala oku loko okusanda upange, osimbu akava okusanda upange waco, wasiña ukāyi umwe vati ukwetavo. Eye wapula nda kuli okopange. Ukāyi watambulula hati, ene walyali okulya ku vyali,



cilo utupingivo upange?

Ukwenje momo wapulasa ale upange osimbu yalwa, ceya okuti colingisa onyeño ukāyi mwoco wopwisila posi losikote, vete, vete, cilo ondaka yaco yikasi okusombiwa la kulu vo ko nepa oyo.

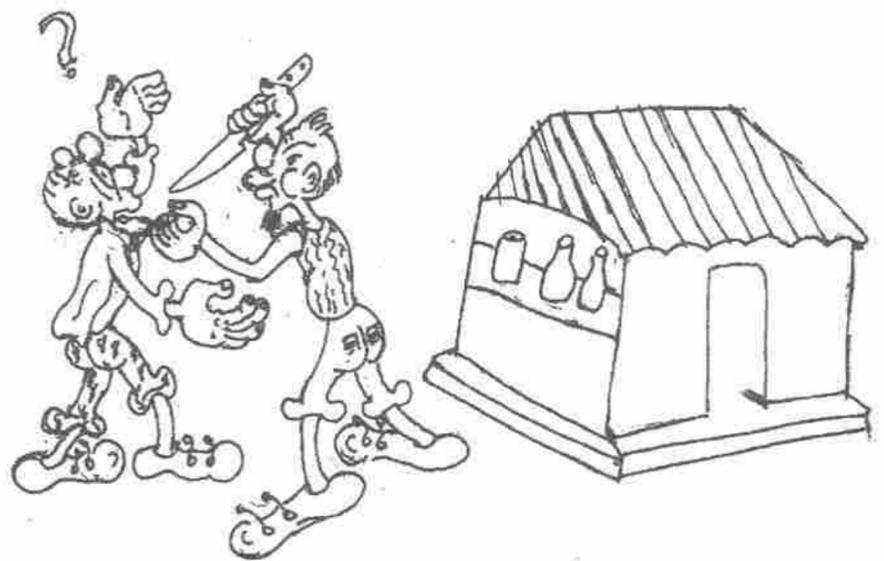
Enviado pelo grupo do Casseque III

Quando será o fim da bandidagem?

Leonardo Balança, residente no bairro Caquerewa foi esfaqueado na cabeça. A acção aconteceu na madrugada do dia 29 de Julho defronte da lanchonete do senhor Dino. Leonardo foi salvo por um moribundo, que logo pela manhã fazia o seu giro habitual nos arredores do mercado para ver se encontraria qualquer coisa que caiu de um vendedor, mas desta vez encontrou Leonardo estendido no chão, logo chamou os vizinhos e levaram-no ao hospital central. Neste momento Leonardo encontra-se em cuidados intensivos na sala de isolamento do hospital central do Huambo.

Informa-se que até ao momento não se sabe quais foram os causadores

da acção. Os moradores de Calundo prometem a todo custo levar o caso às autoridades mais cedo



possível que apareçam os causadores desta acção triste. "O dedo fará encontro com o piolho" como diz o ditado popular informou um dos moradores quando comentava este facto triste num momento que só queremos cantar a voz da paz.

Tekellipi uvi vukapwa

Keteke Iya kwi avali le ceya ko sāyi Yevambi Linene kulima wolohulukāyi vivali la vali, koviteketeteke, umwe ulume wakala okuñwalañwala kolonele vyo citanda cinene co ko Calundo, okusandiliya eci cokulya, eye walimbuka ño pokanjo kamwe ka Dino valandasa ovinywanywa kwenda ovilyalya, pakasi yumwe ulume watomiwa vutwe. Eci alitetela omanu veyā, walimbukiwa okuti eye Leonardo Balança nungambo yo ko sanjala yo ko Caquerewa. Olombandi kavyasangiwiye, pole kuli olusapo lumwe vulombolola hati, eteke limwe omwine ukalisanga lona.

Enviado pelo grupo do Samacau

Não contraia dívidas por causa de álcool

Leonardo osangiwa kombutika yavelapo yu hayele. As bebidas alcoólicas continuam a ser motivo de desavenças em muitos os casos: Desta vez foi no Lossambo, quando Manuel e João decidiram partilhar os custos para beberem uns cinco litros de caxi.



Na altura do pagamento João negou pagar. Isto veio a provocar espancamento entre os dois amigos e que levou o João a grande ferimento ao ponto de ser levado ao posto de saúde.

"Seja como for eu não vou pagar este gajo tem a mania de beber a custa dos outros" disse Manuel quando falava com o soba.

A família do João está agora!! perante duas dívidas a do álcool e a do posto de saúde, porque o senhor Adriano dono do caxi não para de cobrar mesmo sabendo que o devedor encontra-se sob cuidados médicos. Gente! quem deve pagar a dívida neste momento? E qual é a dívida que deve ser paga pela família? A do posto de saúde ou a do caxi? Aquela comunidade pede que todos deam o seu ponto de vista sobre o caso.

Ukalevale omo lyu holwa

Akamba vavali olonungambo vyo ko Losambo, Manuel la João, eteke limwe vakala okutalavaya, volombangulo vyavo, vasima okukalandapo okawalende konjo ya ñala Adriano, vanywa, vanywa, pwāyi pokati kavo lomwe wambatele olombongo u wakolela ukwavo u wakolela ukwavo, pokufeta canena ema, yu casyala okuti pokati koloneke vitito vafeta. Manuel eci okatembo valyusikile kapitila,

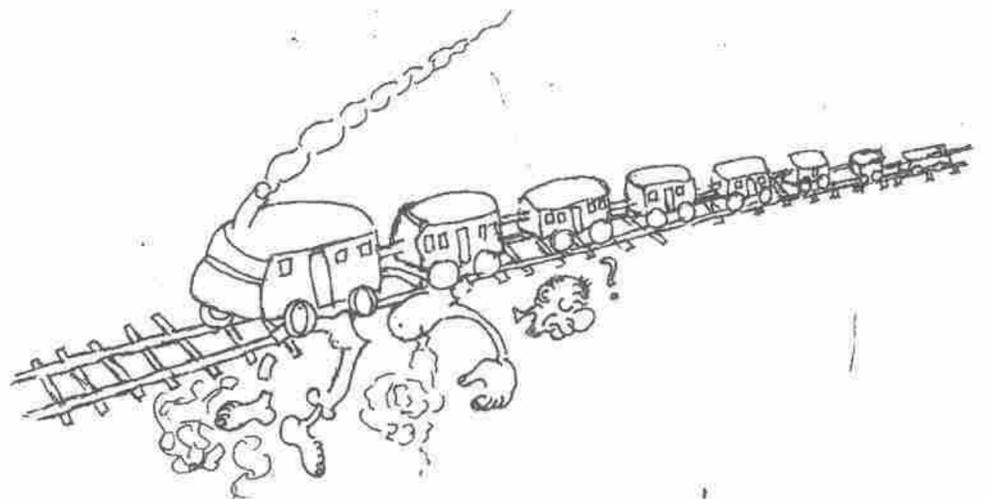
wakafetele, ukwavo katavele, noke eci pakapita oloneke vimwe valisanga vali pamwe valandisa owalende. Manuel hati: cilo mwele fetako otukuka tumwe, João lopo mwele katavele. Manuel kavanjele vali konyima wokwata vombinja, wonalela posi wotoma omoko kenyulu, noke wotoma vali komela. Ulume u ndeti wambatiwa kombutika yisulemo yuhayele.

João wakisikiwa okufeta apese vosi vapinga kombutika yuhayele, eye katavele, cilo oletiwe kosanjala oyo ndongangala.

Enviado pelo grupo do Lossambo.

Comboio mata pessoas na cidade do Huambo

O comboio tem apenas uma rota aproximadamente de 18 km, (estação - Santeria e Dango), bairros periféricos da cidade do Huambo. Desde que começou a funcionar já matou mais de 11 pessoas e mais de dois carros foram atropelados. Algumas fontes dizem que isto acontece devido as péssimas condições da linha férrea que foi danificada por longos



anos de guerra, o povo ficou desacostumado e para outros, nunca viram este locomotor.

Kundinginda okasi lokuponda omanu volupale lwo Huambo

Kundinginda ocendelo cimwe cikasi okukwatisa omanu. Eye okasi okwenda ño pokati kalyanga vasoka ekwi le celālā (okupisa ko estação yo ko Santeria kwenda ko Ndango).

Omo lyu lala wayo wanyolehā vokwenda kuyaki wandisiwa vo feka, omanu cavalingila onjoyi kwenda kwavamwe kavalayimolā mwele. Tunde apa yakafetika okwenda papita ño olosāyi viñamiñami, lokunena apese vasoka ekwi la mosi ko manu valyatiwa omo lya Kundinginda.

Enviado pelo grupo do Vilinga

"Angola 2000"

Realizou-se de 14 à 15 de Agosto de 2002 um Workshop, promovido pela "Angola 2000" (ONG Nacional) com o seguinte tema: "A necessidade do processo de gerência das armas ligeiras e desarmamento da sociedade civil na reconstrução pós-conflito. «Necessidades e compromisso». Em representação do governo foi procedida a sessão de abertura pela sua Excelência gen-



eral Jaques Raúl, comandante da frente Centro, em companhia do senhor Tenente general Manuel Domingos e o senhor intendente Terramoto em representação da Polícia nacional. Neste âmbito sua Excelência general Jaques Raúl felicitou a acção de Angola 2000, salientando que uma parte da população civil ainda se encontra armada, por isso essa iniciativa concide com o programa do governo. O Workshop teve os seguintes objectivos:

- Incentivar a campanha de consciencialização sobre a necessidade do processo de gerência das armas ligeiras e desarmamento da sociedade civil.
- Desencorajar a posição de armas pelos civis, como instrumento de subsistência.
- Necessidade de desarmamento mental da sociedade civil.
- Criação de um plano de acção nacional sustentável que possa controlar as armas ligeiras.

Segundo o senhor Morais Justino Damião, responsável na área técnica da ONG "Angola 2000", realçou sobre aspectos fundamentais da Organização salientando que no Huambo, estão a fazer alguns trabalhos de sensibilização para o desarmamento da população civil. Também têm vários programas como: Educação para a paz que é o âmago desta situação toda, direitos humanos, desmobilização e reintegração dos ex-militares, e o desenvolvimento sócio-económico.

Este trabalho hábil teve início com os jovens angolanos

residentes na África do Sul, que aspiram aquilo que se devia fazer para Angola. Nas universidades, em todos os sítios clamam nos seus corações, que deviam fazer parte desta sociedade angolana. Dali partiu este processo e o nome "Angola 2000". Ela tem muitos objectivos está inserida numa rede de paz composta por 50 instituições. Dentre estas a COIEPA é o parceiro principal. O seu objectivo fundamental é promover o desenvolvimento sócio económico, cultural e profissional significa integrar aquelas pessoas que serão desmobilizadas, velar pela vida futura destes desmobilizados e também o contributo da sociedade sobre o destino daqueles que ontem tiveram arma na mão. Esta é a razão pela qual se está a fazer todo processo de inquérito para ajudar o governo a encontrar os objectivos para que essas pessoas sejam integradas.

Estão a criar um banco de dados para a recolha de armamento que efectuaremos em Dezembro do ano em curso, que está sendo feito em todas as províncias.

Não significa só a recolha de armamento nas populações civis, estamos também a sensibilizar as pessoas a desenvolverem-se. Destruirão as armas, este é um processo em que estão a trabalhar em parceria com Moçambique, Botswana e outros países desenvolvidos a nível do Mundo. Criarão fábricas onde o armamento servirá de matéria prima para o fabrico de facas, catanas, enxadas, machados etc. Os desmobilizados e outros desempregados trabalharão nessas fábricas. Este trabalho não deve ser feito só pela Angola 2000, mas deve ser feito com a participação de todos. Têm encontrado dificuldades, porque aqui no Huambo é preciso as vezes falar umbundu para as pessoas perceberem-se do facto, mas já divulgou-se pela Rádio alguns aspectos em umbundu para que as pessoas fiquem inteiradas daquilo que estão a fazer, de formas que não haja impasse neste trabalho. Há uma boa colaboração porque o governo permitiu a acção deste trabalho. Fizeram parte do Workshop as Forças Armadas e a Polícia nacional.

Este processo de desarmamento é um pouco difícil não é um projecto de um ano mas é de longo prazo. Quando chegaram aqui no Huambo entrevistaram algumas pessoas que informaram, que o Huambo era um paiol de armamento; isto nota-se quando há festividades do fim do ano em cada casa há tiros. Muito recentemente quando morreu o Doutor Jonas Malheiro Savimbi em cada esquina e casa saía arma a disparar, por isso os sobas pediram que haja participação de todos, quebrando a doença de medo que tem todo angolano. Tem de desaparecer, o angolano deve sentir-se livre andar a hora que quiser isso é que se chama paz e tranquilidade. Não queremos ouvir que ali morreu um jornalista, ali morreu um cidadão isto é que estamos a combater queremos uma paz duradoura e de espírito. É preciso desarmar as pessoas espiritualmente por isso estamos a pedir as igrejas e a sociedade em geral para que deiam o seu contributo. ■

Saúde materna e mortalidade

A saúde de uma criança recém-nascida e as suas possibilidades de sobrevivência estão relacionadas com a saúde da mãe. A desnutrição, paludismo e outras doenças causam o fraco crescimento do feto, baixo peso a nascença de muitos bebés angolanos e elevada taxa de nados mortos. A rede de cuidados de saúde materna é fraca e os recursos estão principalmente concentrados em Luanda. O estudo MICS mostrou que aproximadamente 60 por cento das mulheres entrevistadas tinham tido pelo menos, um exame pré-natal.

Os cuidados de saúde materna (e obstétricos) estão regionalmente desequilibrados: em Luanda quase 80 por cento dos nascimentos foram precedidos por um controlo de saúde materna, enquanto na região norte isto só aconteceu em 26 por cento dos casos durante os últimos cinco anos. O sistema de saúde materna não utiliza plenamente as oportunidades para vacinar as mulheres grávidas contra o tétano e é bem conhecido que o paludismo muitas vezes é irregular ou não tratado.

A maioria das mulheres dá a luz em casa, ajudada por uma amiga ou parente. Apenas um terço dos partos nas áreas urbanas são assistidos por enfermeira ou parteira comparado com um oitavo dos nascimentos nas áreas rurais. As províncias do norte e orientais estão mal servidas de serviços de saúde materna. Poder-se-ia imaginar que as mulheres que dão a luz em casa são assistidas por uma parteira tradicional, mas isto só acontece em 15 por cento dos casos. Numa situação em que as mulheres têm um acesso limitado aos cuidados de saúde materna e a informação, também é natural que procurem práticas tradicionais. Por exemplo, é difícil para elas entender a relação entre a falta de higiene e o tétano neonatal. Até mesmo em Luanda onde os serviços e a informação deveriam ser melhores que nas províncias, as mulheres explicaram que tratavam do cordão umbilical com cinzas, óleo de

palma e mercuriocromo (um desinfetante), embora seja recomendado o álcool.

Não foi feito nenhum estudo nacional sobre a mortalidade materna, mas vários estudos locais indicam que não é só uma das mais altas em África, mas no Mundo, que aumentou durante os últimos dez anos. Um estudo levado a cabo em Luanda em 1993, estima em 1.281 mortes maternas por 100.000 nados vivos e um ano depois, um estudo semelhante no Luena (capital da província do Moxico) apresenta a taxa de 1.481 por 100.000 nados vivos. Dados estatísticos recolhidos em 1998 nas duas grandes maternidades em Luanda e em dez maternidades periféricas mostram que ocorreram 425 mortes maternas em aproximadamente 52.600 nados vivos. Nos hospitais, as causas obstétricas mais frequentes de morte são a hemorragia, toxemia com ou sem eclampsia, septicemia e aborto². Ao olhar para as causas indirectas de morte, o paludismo é responsável por metade das mortes seguidas por hepatite. Deve ser sublinhado, que as mortes maternas fora das maternidades não são registadas.

As consequências das mortes maternas são graves numa sociedade onde as famílias já estão debilitadas por uma mudança social rápida, deslocamento e pobreza. Para além disso, muitas famílias são encabeçadas por mulheres. Um recém-nascido corre o risco de morrer e as outras crianças na família sofrem a perda da sua mãe com desnutrição e cuidados deficientes. A morte de uma mulher pode causar o desmantelamento total de uma família se não pertencer à uma rede familiar mais alargada o que muitas vezes não é o caso na situação presente.

Padrões de reprodução e planeamento familiar

A taxa de fertilidade em Angola é alta e as mulheres começam a sua reprodução cedo. Mais de um terço das mulheres angolanas ficam grávidas antes dos 18 anos de idade. As mulheres mais jovens têm o espaço mais curto entre as suas gravidezes. As mulheres cujo último filho é uma menina, tendem a ficar grávidas num espaço de tempo mais curto do que as que têm um menino também nas famílias angolanas a preferência por um

filho é evidente. Os métodos modernos de planeamento familiar são muito pouco praticados. A informação sobre esses, desejam ter poucos filhos. De acordo com o MICS, o ideal entre as mulheres é em média 6 à 3 filhos. As mulheres urbanas querem menos filhos que as rurais. Neste ponto o inquérito precisa de interpretação cuidadosa, mas as respostas ao inquérito dão uma ideia das atitudes no que concerne a reprodução e o tamanho da família. A tendência é das mulheres mais jovens preferirem famílias ligeiramente menores do que as mulheres mais velhas. A diferença entre mulheres instruídas e sem instrução não é tão significativa, todas elas querem muitos filhos³. De entre as poucas mulheres que usam o planeamento familiar, apenas 3,5 por cento usam os métodos modernos. Nas áreas urbanas dominam a pílula, enquanto o método mais frequentemente usado entre as mulheres rurais é o aleitamento, o método do calendário e ervas/plantas. O programa de saúde materna, financiado pelo Governo sueco, tem uma componente de planeamento familiar e viu um aumento considerável no uso de métodos de planeamento familiar modernos entre as mulheres. Em 1998, 23.000 mulheres visitaram as pequenas maternidades nas áreas peri-urbanas de Luanda para efeitos de planeamento familiar. Também houve um aumento claro na procura de preservativos, especialmente entre os jovens, desde que o Ministério da Saúde e o FNUAP iniciaram a sua campanha contra o HIV/SIDA. Não existe nenhuma estratégia nacional para promover o planeamento familiar e a distribuição de preservativos é feita de forma *ad hoc*, quando solicitado por ONGs ou delegações provinciais de saúde.

Extraído do livro: Uma igualdade entre mulheres e homens em Angola.
Autor: Kajsa Pehrsson em colaboração com Gabriel Cohen, Henda Ducados e Paulette Lopes.

A formiga e o Quissonde

A formiga e o Quissonde encontraram-se pelo caminho. Após a saudação a conversa entre eles recaiu sobre o assunto que deu este diálogo:

- Então, amiga Formiga, para onde vais com tanta pressa?

- A procura de comida? - Não percebo como é que tu sendo tão pequenina e frágil, consegues suportar tanta carga. Onde vais descobrir tantos elementos para encher o teu celeiro!

A formiga respondeu-lhe:

- Olha, amigo Quissonde; nada é mais fácil. É tudo questão de paciência e saber esperar. Senão, fixa bem o que vou te dizer. Ponho-me sempre à beira dos caminhos a espera de quem passa. Os homens ou os animais ao coçarem em andamento, apanho os pedaços ou cascas que caem do seu corpo. As mulheres quando voltam das lavras trazem Quindas à cabeça que depois de tocadas pelo vento, deixam

cair farelo que eu apanho e levo para o meu celeiro.

Os pedaços que junto fazem a fartuna, que me dá fama de trabalhador e rico.

A estas palavras o Quissonde respondeu:

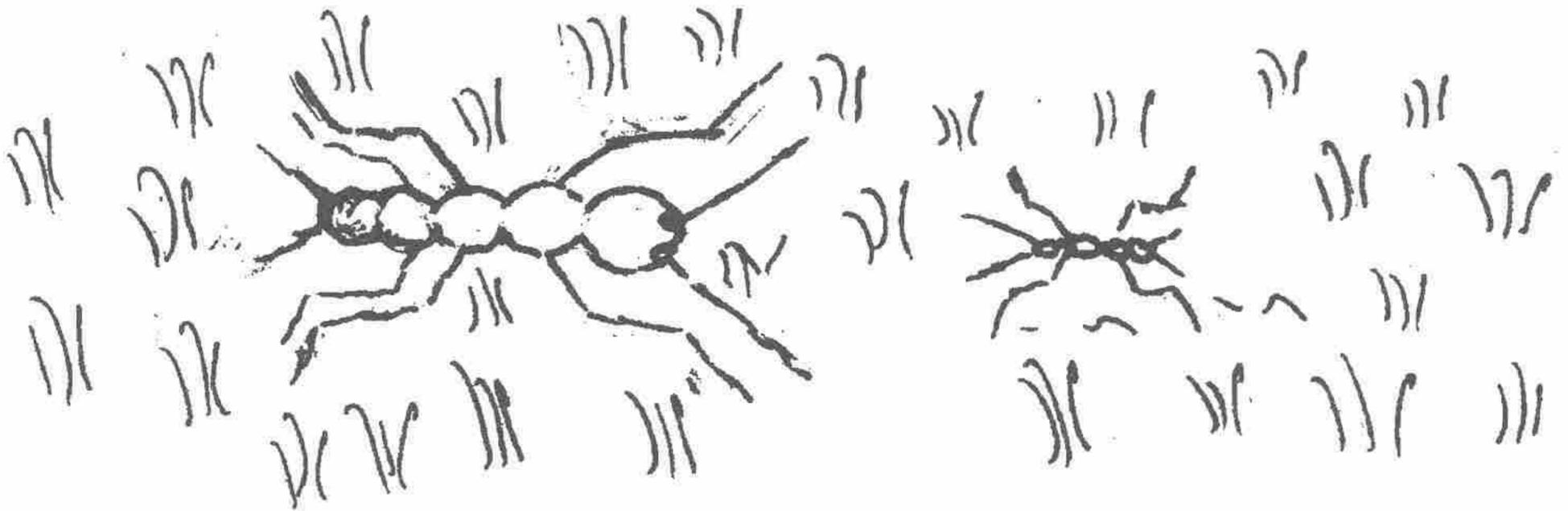
Obrigada amiga Formiga, pela tua informação e pelo conselho.

Até qualquer dia! Separaram-se e cada um seguiu ao seu destino.

O Quissonde, depois que ouviu da formiga, pensou desta maneira:

Se a formiga é mais fraca que eu consigo ter resultados satisfatórios, eu como valente poderei fazer coisa melhor. Quando chegou em sua casa contou à sua família da conversa que teve com a formiga. Apresentou o plano de ataque a todos. Formou um exército muito poderoso, instruído para atacar fortemente todo aquele que passasse por eles, sem olhar as consequências.

É por isso que o Quissonde quando ataca acaba por morrer onde ferre as tenazes, sem obter resultados.



Lunjinji kwenda Cisonde

Lunjinji kwenda Cisonde, valisangele vonjila, valilama ciwa ciwa, yu vasapelapo kamwe.

-Ukwetu a lunjinji pi wenda lonjanga yahandangalala?

- Ame ngenda visenge okusandiliya eci ndilya.

- Okusanda okulya? - Kacindomboloka, ove utito tito have wahongwa, cilo otela okwambata ocilemo cahandangalala, cakwavo cindikomohisa ceci pwāyi pi osandalaya okulya kuyukisa osila yove?

Lunjinji watambulula hati:

Okwetu acisonde; cavelapo okukwata epandi kwenda okutela okukevelela.

Ndukusapwila cimwe ndisole okulinga:

Oloneke vyosi ame ndikala kolonele vyonjila okukevelela u opita. Eci omanu vapita nda valisuya, cosi

ci tunda vetimba lyavo ave ndinōla.

Lacovo akāyi nda vatunda kovapya, eci ofela yisika vyalwa vikupokala posi, ame yapoco okunōla.

- Ndapandula okwetu Alunjinji volonumbi wanyiha.

Valitepa omunu lomunu lonjila yaye.

Cisonde eci akayeva olondaka ovyo, wasimamo ndomo: Olunjinji utito tito, vutela okulinga ovikomo, ame ndavelapo kacikapyālā?

Eci akapitila konjo yaye, wasapwilako epata lyaye lyosi ombangulo akwata la Lunjinji.

Wasokiya aswalali vatōla ndakuti wosi opita otyekengiwa.

Oco ci kasilili okuti apa Cisonde olumana hapo afila.

Enviado pelo grupo do Km25

Regresso de deslocados às suas zonas de origem

São 95 km para atingir o Sambo comuna do Município de Tchikala Tcholohanga. Encontramos Israel Víctor no seu gabinete sem porta, nem tão pouco tecto para não falar de cadeiras.



Entrada do Sambo.

No seu gabinete havia algum material didáctico ameaçado pelas chuvas.

Esta terra é muito fértil, tudo o que se semeia desenvolve sem fertilizantes. O Governo provincial ajudou-nos com algumas sementes, embora não satisfaçam a todos. Informou Israel Víctor, Director comunal da Educação do Sambo.

A comuna precisa de apoio urgente começando pela reabilitação de infra-estruturas pontes escolas até mesmo alguma ajuda para que este povo comece a sua vida. A Administração na pessoa do seu administrador levou esta preocupação às instâncias superiores. A nível educacional temos 20 turmas, o mesmo número de professores com algumas crianças matriculadas. O material didáctico que têm, já foi utilizado quando estavam no centro de deslocado do Cruzeiro. Infelizmente está esposto ao ar livre, todo empoeirado e as chuvas estão prestes a caírem. "Não temos outro sítio onde possamos colocá-lo". Comentou o homem forte da Educação na comuna. Pede-se ao Governo e ONGs que velem por esta situação para que possam construir algumas escolas ou que reabilitem os escombros já existentes. O Sambo e suas aldeias até as próprias pessoas estão desprovidas de tudo, não basta falarmos de regresso das pessoas sem pensar na reintegração. Apesar das dificuldades elas estão muito felizes, porque sonham trabalhar nos seus campos e em

Ondaka - Editado por: DW - Development Workshop - Huambo
Coordenação: Quintas Júlio Redacção: Júlia de Campos
Paginação: Margrit Coppé Ilustração: Martinho Daniel Revisão: Cupi Baptista, Jonathan Howard Produção: Grupos comunitários do Lossambo, Samacau, Vilinga, Nzaji, Kilombo, Lumbandi (Km25) e Casseque III.

ONDAKA é financiado pelo Fundo para os Direitos Humanos da Embaixada Britânica e a Agência Suíça para Desenvolvimento e Cooperação (SDC).

pouco tempo terão o seu lombi, a batata doce, o feijão, o milho e outras culturas.

Ondaka também se encontrou com o soba Domingos Chikukuma sentado na sua casa em companhia de sua esposa o homem forte da linhagem dos sobas manifestou a alegria por se encontrar na sua terra natal e o quão é belo ser soba na sua própria terra!



Director comunal da Educação do Sambo

"Toda gente está a engordar, mesmo sem comida, a paz dá liberdade e sossego ao homem". Citou o soba Luciano Chivinda quando falava ao Ondaka na comuna do Sambo.

Na opinião do Soba Chikukuma as dificuldades são enormes, mas temos de nos adaptar à nova vida, cheia de ânimo e prazer, teremos de trabalhar muito. Não importa a fome, o mais importante é combater este mal. As pessoas logo pela manhã devem pegar nas suas enxadas, para desbravar a terra. Soba Chikukuma acredita que a saúde, as escolas, lojas, estradas deve ser o nosso desafio; isto vai chegar, temos que acreditar. "Aqui já não se regista muitas doenças como nos campos de deslocados, é este o nosso ambiente" rematou o soba Chikukuma Todos os conterrâneos que ainda se encontram na cidade do Huambo que venham para fazermos crescer a nossa terra.



Soba Domingos Chikukuma.

Development Workshop

Rua 105 casa 30 - Bairro Capango - Huambo
Tel : (041) 20 338 - Fax : (041) 20 081
Email : dwhuambo@angonet.org